FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

Vacas gordas

Com mais de 4 milhões de toneladas acima do produzido no ano passado, pode-se antecipar que os preços elevados do último biênio não voltarão a ser praticadas.

As estimativas de perdas provocadas pelo excesso de chuvas em pontos do Centro-Sul foram neutralizadas pela melhora das condições climáticas em março. O desenvolvimento das lavouras, em linhas gerais, foi favorecido, embora no Paraná, ao invés de muita água, tenha ocorrido escassez nas regiões Norte e Oeste, durante quatro semanas no início do ano. Outras áreas do estado poderão compensar possíveis danos. No Mato Grosso, com rendimentos irregulares mas em geral elevados, espera-se produção recorde de 6,4 milhões de toneladas. No Rio Grande do Sul, iniciada a colheita apenas a partir de fins de março, afinal encerrou-se o tempo de vacas magras (ou será de soja magra?) e os dois anos seguidos de seca foram sucedidos por um cenário altamente propício à sojicultura, que pode recolocar o estado em segundo lugar no *ranking* dos produtores brasileiros.

Depois de dois anos de vacas magras, o Rio Grande do Sul volta a ser o segundo produtor brasileiro.

Outros estados prejudicados pelo clima foram Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo, mas as perdas não parecem capazes de impedir que o total colhido seja recorde, com mais de 30 milhões de toneladas, em todo o país.

Assim, com mais de 4 milhões de toneladas acima do produzido no ano passado, pode-se antecipar que os preços elevados do último biênio não voltarão, apesar de os atuais permanecerem atraentes. Conforme registrado na edição de *Agroanalysis* de fevereiro último, espera-se melhor margem para as indústrias, pois se os preços do grão caem, os do óleo estão muito seguros. O farelo, por sua vez, perdeu em um ano 45% de seu valor, recuando para R$174/t, no mercado à vista de São Paulo (continuando, porém, 10% acima da média dos preços do decênio). Isto deverá favorecê-lo em termos de exportações, dependendo do rumo a ser tomado pela demanda asiática. Aliás, nas exportações dos derivados quem partiu na frente foi o óleo, com registros, até fevereiro, 25% superiores aos do mesmo período do ano anterior.

O pano de fundo do mercado global, portanto, é a presença de safras excepcionais nos EUA e na América do Sul (a Argentina igualmente está bem).

No mercado externo, o relatório de março do Departamento de Agricultura dos EUA (USDA), de 12 de março, aumentou os estoques finais do grão, mundiais e dos EUA, e reduziu as exportações deste último, afetando mais os contratos da safra velha. Os da nova também caíram, devido à projeção de outro grande plantio norte-americano em 1998.

O clima úmido no Meio-Oeste poderá levar à substituição do milho pela soja, acarretando incremento ainda maior na área de cultivo da oleaginosa.

Já para o óleo, o USDA previu estoques 5,7% menores e exportações 4,4% maiores, levando aos melhores preços em dois anos, beneficiados pela menor produção do óleo de palma asiático.

Em termos de receita de exportação do complexo da soja brasileira, pode-se esperar redução substancial em 1998.

E-mail: ferfal@fgv.br

Soja: produção e estoque final mundiais – 1996/97 e 1997/98, em milhões de toneladas

	Produção			*Estoque final*		
Produto	*1996/97*	*1997/98*	*%*	*1996/97*	*1997/98*	*%*
Soja em grão	131,58	152,26	15,71	12,92	20,16	56,03
Farelo de soja	92,44	97,83	5,83	3,83	4,08	6,53
Óleo de soja	20,82	22,25	6,86	2,42	2,26	-6,61

Fonte: USDA.

Brasil receita cambial do complexo da soja – 1987/97

Ano	*Receita da soja*	*Receita total*	*Participação %*
1987	2.324	26.225	8,9
1988	3.045	33.781	9
1989	3.647	34.382	10,6
1990	2.854	31.390	9,1
1991	2.030	31.620	6,4
1992	2.696	36.207	7,4
1993	3.075	38.763	7,9
1994	4.135	43.545	9,5
1995	3.820	46.506	8,2
1996	4.462	47.747	9,3
1997	5.728	52.985	10,8

Fonte: Decex.